

PEDAGOGIA SOCIAL E TRABALHO VOLUNTÁRIO: Uma questão de solidariedade, ética e resistência

*Margareth Martins de Araújo

**Mônica Paranhos Coelho

Resumo: O presente artigo é fruto de uma estrada de pesquisa pautada em contextos de emergências, nos quais a *sofrência* humana nos impulsiona agir a favor dos excluídos e, perceber o tripé: alfabetização, leitura e escrita como ferramenta poderosa, no processo de emancipação dos seres de em situação de vulnerabilidades. Nesse afã, surge o trabalho voluntário como premissa, a nos acenar um caminho possível. O cenário da pesquisa é o Município Duque de Caxias, Baixada Fluminense, considerada por muitos estudiosos, como cidade dormitório, mas que também abriga um quadro de professores aguerridos e inconformados os baixos índices de **alfabetização de seus alunos. A opção pelo eixo educação-pobreza nos faz questionar, o** motivo pelo qual, crianças e jovens não aprendem a ler e escrever com fluência, transformam-se em meros copistas, não têm o gosto pela leitura estimulado e, não vêm sentido na leitura-escrita. A proposta da pesquisa consiste no acompanhamento semanal de professores, crianças e jovens em processo de alfabetização. Objetivamos, no presente artigo, proporcionar reflexões acerca de alguns movimentos que se estabelecem no referido processo. Com fundamentação teórica inspirada nos estudos de Freire (2010), Thiollent (2011), Silva (2009), e Ferreira (1990), concluímos ser a alfabetização social, aquela que considera a história e a memória dos alunos, cria conexos entre os sujeitos da pesquisa e revela formas mais adequadas para com eles trabalhar, tendo em vista que o professor como pesquisador da sua prática, teve oportunidade de construir conhecimentos para aperfeiçoá-la e contribuir para melhorar os resultados do grupo pesquisado.

Palavras-chave: Educação; Pedagogia Social; Formação de Educadores; Resistência

* Professora - PPG- UFF, Coordenadora do GP em PS da UFF, margarethmartins1@oi.com.br

** Licenciada em Educação Física – UERJ, Mestre em Educação – UFF, Pesquisadora do GP em PS da UFF, monicaparanhos@id.uff.br

- Parte desse artigo foi publicado na Revista Ifes Ciência- Nov.2019.

1- NOSSA IDENTIDADE: AQUILO QUE NOS FORMA E TRANSFORMA

Somos integrantes do Grupo PIPAS-UFF (Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Formação Inicial e Permanente de Formação Inicial e Permanente de Educadores de Jovens e crianças em Situação de Vulnerabilidade Social), PIPAS-UFF. Formamos educadores sociais há dezenove anos no âmbito da FEUFF. Buscamos compreender o motivo pelo qual, em nossa sociedade, a violação dos direitos humanos ocorre muito antes da entrada das crianças na escola e perdura por toda a vida. Com base neste viés reflexivo, trabalhamos para construir uma formação que considere a exclusão dos excluídos e auxilie no processo de superação das condições de indigência em que se encontram. É por resistência e por ofício que escrevemos; no encontro ambos se transformam e ação-reflexão-celebração. Revisitar o presente texto traz à tona a percepção da sua atualidade, necessidade e expressividade.

Eis uma pesquisa que se caracterizou como participante quali-quantitativa, uma vez que foram realizadas acompanhamentos, observações diretas e indiretas, buscando interpretar os sentidos que os participantes emprestam em suas ações, na ambiência em que constroem suas ações pedagógicas alfabetizadoras. A pesquisa-ação consistiu em encontros quinzenais de reflexão e autorreflexão, individual e coletiva realizada pelos participantes, visando o entendimento e melhoria das próprias práticas educacionais, as quais foram implementada junto aos professores alfabetizadores, sendo possível detectar a formação de três grupos distintos, no que se refere à possibilidade de mudança da prática alfabetizadora. Observem:

Somos duas professoras com história de vida profissional marcada pelas adversidades da Baixada Fluminense e favorecida pela complexidade oriunda da indignação com contextos alfabetizadores excludentes, o que torna possível diversas leituras de um mesmo fenômeno. Eis aqui a riqueza desse trabalho.

Por alfabetização longitudinal entendemos o processo de permanente que se dá ao longo da vida, na busca do tornar-se/descobrir-se, leitor-escritor. Trata-se de um processo inacabado através do qual revisitamos nossas histórias e memórias na busca incessante de superação.

Compreendemos que o fracasso na alfabetização nunca é sozinho. Ele se encontra atrelado ao fracasso nas demais áreas do desenvolvimento humano, sendo

capaz de marcar o ser humano para toda a vida. Por isso, as “Rodas de Conversas” e as “Batalhas de Rimas” funcionam como um antídoto ao processo de interdição vivido, potencializando as pessoas, acreditando das possibilidades e aponta com esperança para o futuro.

Aceitar o outro na sua legitimidade ajuda na superação de antigos fracassos e amplia a possibilidade de conquistar novas formas de ser e de estar no mundo. Olhar para trás e detectar o quando é possível caminhar ajuda a estimular a autoestima, potencializa os seres e amplia suas possibilidades.

Descobrir-nos potentes faz parte do processo de superação e deixa para trás as sombras de um passado sombrio vivido durante os primeiros anos de alfabetização. É com a ex-aluna Beatriz que aprendemos sobre o impacto negativo de um processo de alfabetização pautado em um relacionamento distante entre professores e alunos, no qual a cobrança por resultados, produzem crianças ameaçadas e temerosas. Estas apartadas das suas potencialidades, alijadas da sua natureza, classificadas por sistema de avaliação e perfiladas em listas de fracasso escolar. A quem interessa tal processo? Vejam o que diz: - Só quem teve problemas na alfabetização é que sabe o que significa ler em público... Tudo volta. As mãos tremem, ficam suadas e a voz embargada.

Hoje, como professora alfabetizadora Beatriz ainda carrega as marcas do processo de alfabetização e busca não reproduzir o vivido, construindo para seus alunos um ambiente emocional saudável, através do qual a aceitação e o acolhimento se fazem presentes. Beatriz integra o grupo de professores acompanhados em nossa pesquisa. Foi com ela, e com os demais professores, que aprendemos sobre a possibilidade de mudança em suas práticas alfabetizadoras.

Dessa forma, com ela aprendemos sobre o teor duradouro dos traumas. Estes também acompanham o ser humano por longo tempo, necessitando ajuda para superá-lo. Então é possível afirmar que os traumas também são longitudinais e provocam danos por muitos anos. Muitos tremem, gaguejam o coração acelera e tudo volta igual à época da alfabetização.

Trabalhamos em nossa pesquisa com quinze professores alfabetizadores ao longo do último ano, todos comprometidos com a tarefa de educar. Cômicos de suas funções, procuram dar o melhor de si e sabem sobre a importância do que fazem. Todos alfabetizam, há mais de cinco anos e acumularam conhecimento sobre a forma de ensinar a ler e escrever. Ao utilizarem métodos e técnicas de alfabetização não se dão conta do quanto estão contribuindo para o futuro de seus alunos.

Dada à extensão e abrangência, da atividade da pesquisa- ação, implementada junto aos professores alfabetizadores, é possível detectar a formação de três grupos distintos, no que se refere à possibilidade de mudança da prática alfabetizadora. Observem:

Gráfico 1: Possibilidade de mudança na ação alfabetizadora



Fonte: Apontamentos do campo.

O gráfico acima sinaliza, acima de tudo, o quanto é necessário intelegir a realidade e trabalhar no tempo do outro e para o outro. Vejam que a complexidade do trabalho voluntário se encontra imerso e nos remete ao trabalho reflexivo constante, pois nele habita um paradoxo capaz de nos fazer desistir. O trabalho voluntário é revelador de ser ao mesmo tempo simples e complexo, um fator que, em muitos casos, leva à desistência de seus integrantes, por não compreenderem as desafiadoras relações que ele contém.

Cada professor, precisa processar em seu próprio tempo, as questões demandadas pelos desafios oriundos da pesquisa e fazer suas escolhas, o que exige, para alguns, mudança; e mudar, como sabemos significa “rever certezas” (Anísio Teixeira), o que leva tempo e gera certo sofrimento por parte de alguns.

2- A RESISTÊNCIA COMO ESSÊNCIA DO TRABALHO VOLUNTÁRIO

Descobrimos ao longo da nossa militância de professora, e reafirmamos o descoberto, enquanto pesquisadoras alinhadas com a Pedagogia Social que diante de um grande desafio será preciso unir forças. *A união dos excluídos em prol de si mesmo*, tal como afirma o Barão de Münchhausen, ao retirar-se dos desafios da vida cotidiana.

Nesse sentido, compreendemos trabalho voluntário como um trabalho sem remuneração, onde o voluntariado dedica seu talento e tempo para ajudar outras pessoas. É isso, simples assim; com toda a complexidade que a simplicidade contém. Cabe ao pesquisador social estar com o grupo e trabalhar com ele e por ele, na busca do atendimento às vulnerabilidades.

Traremos agora outro momento da pesquisa ainda em andamento com jovens que se descobrem leitores e escritores a partir das *Rodas de Conversas* e das *Batalhas de Rimas*. Um processo revelador do quanto a escola ensina, embora não se dê conta e, por causa disso, se perde dos alunos, não sendo capaz de enxergar a potência de cada um deles.

Observem o significado da palavra alfabetização, conforme o pensamento de Paulo Freire, que afirma ser o alfabetizando o sujeito do seu processo de alfabetizar, pois é ele o autor das experiências, portando um conhecimento próprio e relacional com o outro e com o mundo e que serão estes a base de sua alfabetização.

O processo de codificar e decodificar signos nesse mundo relacional é dinâmico e atemporal. Estamos sempre nos alfabetizando, não existe o tempo para esse processo acontecer, acontece diariamente até deixarmos de existir.

Freire utiliza o termo pós-alfabetização para explicar a diferenciação da palavra geradora, ainda em processo de alfabetização, do tema gerador. As pessoas que se encontram neste estágio, estão se pós-alfabetizando, ou seja, significa que se apropriaram de algo o qual faz parte do seu cotidiano, de sua essência, de sua existência, gerando questões com propriedade relacionadas ao assunto.

E está sendo assim comigo e com os outros os quais mantenho uma relação de afeto e de respeito e de aprendizagem, através da pós-alfabetização nesse trabalho puramente voluntariado.

Trabalhando com jovens, intitulados pela hegemonia cultural, como pertencentes da cultura marginal¹ e, considerados inaptos pela educação pública

¹ Conceito dado aos que estão às margens do sistema hegemônico cultural, é a cultura dos excluídos, dos marginalizados, dos diferentes. Cultura da resistência ou contracultura.

formal, ou seja, vulnerabilizados tanto pelo sistema político, educacional, cultural e social. Descubro que é a humanidade que estará vulnerável se não quiser decifrar os vários signos que estes seres considerados “inaptos” transmitem na interação e no diálogo e, que nos ajudarão a compreender a nossa missão, nessa dimensão.

Com eles estou aprendendo uma outra leitura e uma outra escrita de mundo, uma que é marginalizada por uma sociedade em que acredita numa única escrita/leitura e que, portanto, acreditam ser inabaláveis. Devemos lembrar, somos seres diferentes em culturas, saberes e nas variadas alfabetizações e pós-alfabetizações. “Não há saber mais, nem saber menos: há saberes diferentes” (FREIRE, 1987, p. 68).

Estou me alfabetizando com eles, na linguagem dos jovens da cultura do *hip-hop*, no mundo digital, mas, eles também estão se alfabetizando comigo, quando peço que me ensinem, através da pergunta:

- *O que isso significa exatamente?*

Eles escrevem! E é no processo de querer escrever “exatamente”, eles me ensinam, algumas expressões como: *mec*² – *resenha*³ – *pistola*⁴ – *a i n d i a*⁵ – *Pprt*⁶ – *Tmj*⁷, essas são algumas das muitas que não compreendia e sempre os solicitava ajuda. Eles adoram ajudar e ensinar!!!

O interessante nesse processo é que eles não têm vergonha de escrever, muito pelo contrário, adoram escrever, não gostam é de serem julgados. Mesmo escrevendo, ao contrário do que orienta a gramática, entendendo e, se entendo, houve o dialogismo, a compreensão entre as culturas e saberes, melhor entre gerações, para ciência de todos, me encontro na casa dos 50 anos e eles dos 20. Como não os corrijo, eles continuam escrevendo, e isso é ótimo, o importante para eles é que eu leia para que sejam compreendidos e, acredito que isso seja uma forma de manter o código de uma cultura, de um saber, de uma geração, em prol da memória de nossa humanidade.

Mas nesse processo, eles acabam se autocorrigindo, conforme solicita a nossa gramática. Como nos comunicamos mais virtualmente, através de mensagens escritas e áudios devido ao trabalho voluntário que fazemos em conjunto – *Roda Cultural*

² *Mec* significa *tá tranquilo*.

³ *Resenha* significa *festa com bebida*.

⁴ *Pistola* significa *ficou com raiva*.

⁵ *A i n d i a* significa *com certeza vai*.

⁶ *Pprt* significa *papo reto*.

⁷ *Tmj* significa *tamu junto*.

*Batalha do Minas*⁸ e *a Professora Marginal*⁹ – na maioria das vezes prefiro escrever as mensagens do que dizê-las e, eles o contrário. Mas sempre peço para que escrevam, prefiro ler do que escutar as mensagens, pois depende do momento em que me encontro e, que às vezes não é propício escutar mensagens com várias gírias e de vários minutos, com isso eles vão visualizando a minha escrita e aperfeiçoando a deles, se autocorrigem portanto, para as próximas mensagens.

Mas também não é garantia de que serão exímios da língua portuguesa, afinal a professora também teve o seu passado amargo com a língua materna e que deixou consequências. Penso que pelo fato de ter passado por esse processo, a dificuldade que tive tanto na leitura como na escrita me ajuda a compreender esses jovens sem qualquer tipo de julgamento.

Acredito que o papel do pedagogo social com relação a esta temática tem muito mais haver com sensibilidade, empatia, compreensão, de querer ver o outro feliz, do que exatamente de conhecimento da técnica. Posso até ser julgada por escrever esse texto, mas a falta desses elementos é a realidade da qual esses jovens estão vivendo. Digo isso porque como já disse, não sou alfabetizadora formada em pedagogia, mas fui uma criança alfabetizada pela tia Regina, uma moça muito amorosa e que alfabetizava crianças em casa. Geralmente a turma não passava de 6 alunos, com certeza deveria ser professora primária, a do antigo normal.

Quando entrei para a escola formal, houve o bloqueio, como pode uma criança que lia e escrevia perfeitamente na escola da tia Regina e, que quando adentra no ensino público, os pais descobrem que a menina possui dificuldade de escrita e leitura, com necessidade de atendimento fonoaudiológico e psicológico?

Penso que o mesmo que aconteceu comigo deve ter acontecido com muitos jovens, que adentram numa escola, formalizada e normatizada, uma escola que não está preparada para acolher aquele novo ser, mas se veem ali expostos aos olhos de todos, imaginando qual o tipo de julgamento, estão fazendo deles. Esse triângulo

⁸ Com a proibição do projeto no colégio “Batalha de Rimas do CEMG”, a professora atendeu a demanda dos alunos e deu início a atividade cultural com apoio de organizações sociais e da Prefeitura de Duque de Caxias, na praça ao lado do colégio, também intitulada de “Praça do Minas”. De junho de 2018 a dezembro de 2018 a professora marginal organizou comissões abrindo espaços para outras pessoas interessadas na roda e quem pudesse administrá-la e, desde janeiro de 2019 a professora marginal está como colaboradora da roda, a mesma que já participa da Liga Estadual RJ em batalha de rimas, almejando o nacional.

⁹ Título cunhado pela autora após questionamentos de alunos sobre ela também poder ser “marginal” e, que após esse episódio, a professora se intitula marginal por reconhecer em si a marginal que sempre foi, ela se viu neste outro, encontrando uma forma de provocar a reflexão entre os envolvidos. Professora das margens.

escola-aluno-professor, precisa ter afeto¹⁰, gerar confiança, e tendo sempre a alegria como a base.

Quando descubro que um jovem é considerado ruim na escola, possui dificuldade em ler e escrever e por isso, às vezes, nem a frequenta mais, porque é repetente e de idade avançada, mas na Roda, na praça, ele mostra que gosta de escrever e de falar, fico atenta observando o processo...

Eis duas poesias de dois jovens, elogiadas por doutores na minha banca de defesa ao mestrado na UFF.

A primeira é de um ex-aluno, na época em 2017 com 16 anos no oitavo ano, e que foi expulso por motivos de faltas e mau comportamento, o mesmo deste então se encontra fora da escola, mas frequentador da roda.

*Caminhando pelo concreto áspero
Pois tô cansado de esperar
Sou prisioneiro de mim mesmo e nunca vou me libertar
Mas minha mente é liberta
Eu tenho meu modo de pensar e escolher
Não tô no game pra perder cifrões
Faço poesia com emoções
A cada dia aprendo lições entre razões
Conquistando corações nos caminhos opções
Na selva de leões mar de tubarões
Céu de passarinhos e gaviões
Tão rápido quanto aviões
Minha mãe dizia...
Filho não caia nas ilusões
A verdade é que nós seres humanos não somos seres bons
Somos iguais a Transformers então somos Decepticons
Vimos do outro lado do universo
Aí tu sabes que meu talento é diverso
E pra quem desmerecia confirmou no terceiro verso*

(Miguel Ângelo)

A segunda é de um aluno de 16 anos do primeiro ano do ensino médio, em 2017, repetente, faltoso, sonolento, quieto demais... a última notícia que obtive sobre ele, é que estava estudando à noite e trabalhando como servente de pedreiro.

*Mas eu falei...
Mas quando essa semana acabar tudo vai mudar
Vou sumir...
Espero não ser fraco ao pondo de voltar*

¹⁰ O afeto aqui está como figura de apego. Ver Teoria do Apego ou Teoria da Vinculação, de Jonh Bowlby.

*Não sou certo pra ninguém
Talvez eu não seja nem para mim mesmo
Meio sem jeito...
É esse jeito de vida que me dá sossego
Dia após dia tento sair da realidade
E levar comigo toda minha maldade
Tento me apostar o mais rápido possível
Para que as pessoas não caiam no meu próprio precipício
Busco ficar o mínimo possível
Conversar o básico...
Para não marcar a vida de quem não me merece como um fardo
Minha meta é ganhar o oceano
Não me apaixonar em anzol
Quero poder ver o sol brilhar mais do que meu isqueiro
Respirar um ar que não seja de cigarro
Que a cada trago me sinto mais calmo
Mas ao mesmo tempo me sinto mais fraco
Foi mal pelas promessas que não irei cumprir
Mas é um preço que eu corro
A droga mata...
Mas sem ela eu morro
Na madrugada fria só penso no meu passado
Por onde caminhei mesmo com pés machucados
Vejo um futuro de solidão
Mas não tão obscuro ao ponto de me deixar agir pelo coração
A única coisa que coleciono
É a imagem de cada uma que me deixou um engano
Onde chegava a sonhar ter uma vida sem os meus demônios
Hoje ela diz que não sente ódio
Mesmo assim não me olha mais nos olhos
Faz 4 meses que acabou
4 meses que ela encontrou um novo amor
Complicado...
Mas estou pagando o preço pelos meus pecados*

(Brenno Amorim)

É claro como a luz do dia que algo está errado!!! É muito sério tudo isso!!!

A escola não está atendendo as expectativas desses jovens, pior... nem perspectivas... O que fazer então? Essa é a grande questão...

São muitos os desafios a serem enfrentados, mas como interferir num sistema educacional o qual atende aos interesses de uma classe que se mantém através da política, a mesma que se encontra no poder promovida por tal classe?

Por dentro do sistema acredito que será muito difícil, mas por fora, pelas margens, digo nas rodas, nas associações, nas praças, nas casas etc., é possível, e é nesse possível que está o pedagogo social, é neste que devemos depositar a esperança para que haja esse movimento de transformação da sociedade e do sistema.

Esse movimento deve partir do trabalho voluntário, afinal, serão poucas as pessoas ou instituições, das quais irão investir dinheiro e tempo, num movimento em prol dessa transformação. De uma que levará a conscientização de um povo sobre o

mundo que vive, evitando através dessa consciência de mundo, as barbáries que andam acontecendo.

Acolher esses meninos e meninas é garantir uma abertura, um diálogo com esses seres maravilhosos e, que tem mais para nos ensinar do que aprender. Entender que nesse processo de leitura e escrita dentro da visão de mundo, somos os alfabetizadores de gerações, estamos alfabetizando e sendo alfabetizados e, todos se pós-alfabetizando.

Acredito essa é a chave para o entendimento ao paradigma dominante e emergente, com o único objetivo, o de formar uma sociedade melhor e mais humana. A mesma que anda tão vulnerável.

A vulnerabilidade não se dá apenas para aqueles que estão com suas vidas ameaçadas literalmente, expostos as violências geradas pela sociedade. Mas também aqueles que estão salvaguardados por esta violência, mas expostos a uma outra pior tão quanto, a violência psicológica. É dessa que me preocupo, pois é esta que atinge os jovens do nosso tempo de forma invisível.

A violência psicológica também é gerada pela sociedade, mas não é visível, pelo contrário, é bastante velada. Nessa perspectiva os jovens acabam seguindo caminhos tortuosos¹¹, cometendo barbaridades para si mesmos, tomam esse tipo de atitude por não verem mais sentido na vida. Quando o jovem comete tal atrocidade, é porque algo muito traumático ocorreu, toda depressão tem uma causa, na maioria das vezes está no inconsciente.

Heidegger¹² diz que nós construímos o sentido da vida através das experiências, mas as vezes somos destruídos, mutilados, enterrados vivos. Viramos mortos-vivos, seres massificados devido ao barulho do mundo, nos entificamos, deixamos a essência escapar, deixamos de escutar este *Ser* que está sendo construído. “Não há vida sem morte, como não há morte sem vida, mas há também uma “morte em vida”. E a “morte em vida” é exatamente a vida proibida de ser vida.” (FREIRE, 2005, p. 197).

E por não conseguir construir o sentido, se torna um angustiado, um perturbado, pois está à procura de algo que não sabe o que é. Ciente de que a morte é

¹¹ O autoflagelo e o suicídio são caminhos às vezes escolhidos pelos jovens por não aguentarem as barbáries que o paradigma dominante comete com eles, levando estes à morte mental ou física.

¹² Recorro a ontologia heideggeriana. Heidegger explica a diferença entre *Ser* e *Ente*, e diz que o *Ser* foi posto no mundo sem sentido para a morte – tradução de *Dasein* em alemão. De Heidegger, Martin. **Ser e Tempo**. Petrópolis: Editora Vozes, 1986.

a única certeza. Este angustiado se reclusa esperando dois caminhos possíveis: 1. A Morte¹³ ou 2. O Acontecimento.¹⁴ Acerca do “acontecimento”, literalmente algo acontece, algo ou alguém te afeta, e com ele, tudo o que estava adormecido, esquecido, enterrado, ressuscita como potência, como uma força motriz ao concretizar as outras possibilidades de ser.

Escrevo sobre este assunto não à toa, fui surpreendida pela manhã deste dia 21/09/19 com a notícia, o suicídio de uma ex-aluna. Lembro-me bem dela, uma menina adorável, inteligente. Não quero afirmar e nem provar algo, mas aos seus 21 anos, olhando sua *timeline* na rede social, imagino a causa de seu suicídio.

Hoje em dia, a falta de perspectiva de um futuro no mercado trabalhador, a falta de um amor sólido, de estar às vezes num ambiente em que ninguém te compreende, o suicídio pode ser a válvula de escape para estes que não conseguem, porque são impedidos, de enxergar o universo que há pela frente, é necessário mostrar os caminhos, encorajá-los, elevar a autoestima desses jovens, pois são frutos de um sistema arquitetado, cruel e sanguinário.

A importância de um olhar, de um acolher, de um ouvir é tão importante para estes jovens, que quando se veem diante de pessoas que os recebem dessa maneira, algo incrível acontece, se sentem potentes, capazes de acreditar, a esperança é devolvida a eles e com ela a alegria de viver sem medo.

Dentro desse universo estão os jovens que foram mal acolhidos pela escola e pela sociedade como um todo, por isso a importância do pedagogo social na educação formal e não formal, sendo voluntariado ou não, mas que garanta a esses jovens o seu maior direito, o de viverem a vida que cada um acredita.

Eis aqui um texto de uma ex-aluna que tentou o suicídio. Ela faz parte da cultura marginal e foi uma das minhas alfabetizadoras.

É preciso falar do Ensino Médio e o quanto ele nos adocece. É preciso falar que eu entrei num quadro de depressão e o ensino médio influenciou diretamente nisso. É preciso falar. Acabou, porém não posso parar de denunciar a educação que nos trata como máquinas e não como pessoas diferentes umas das outras, que agem e pensam diferente.

É preciso falar disso tudo! Mas também é preciso falar que, por mais que a vida seja difícil, nós encontramos no meio dessa jornada pessoas que nos amam e que estarão com a gente em todos os momentos. Isso mesmo, em todos eles.

Eu sempre vou falar que 2017 foi o ano em que eu mais amadureci, foi o ano em que por várias vezes eu pensei em desistir, mas eu tinha lá pessoas que me amam e que de formas diferentes estavam ali para me ajudar, me levantar e falar: Resiste, Caroline! Você não é a sua depressão!

¹³ Morte no sentido mental ou físico.

¹⁴ O acontecimento é algo que ocorre com o ser humano através do e com o outro ou de algo, intencional ou não, repentino ou não.

O meu trio ternura da escola, que me ligava ou mandava mensagem de manhã perguntando onde eu estava, porque sabia que muitas vezes eu não tinha forças para levantar da cama e ir até a escola. E obrigada, Gabriella, por tudo, por todos os momentos com você e com sua família que hoje eu já posso chamar de minha também. Te amo.

Alguns professores faziam o mesmo, e por isso eu só tenho a agradecer. Denise e minha Professora Marginal Mônica, vocês são duas grandes amigas que a vida me deu e eu levarei para sempre. E nessa dura caminhada contra a depressão eu não poderia deixar de falar da minha avó, que fez e vai continuar fazendo de tudo por mim. Eu te amo minha incrível supermulher.

Minha psicóloga, Bruna, que também em pouco tempo se tornou uma amiga, a quem confio os meus piores e melhores momentos, e sei que quando e para o que precisar ela estará lá. Você é incrível! E por fim, a todos e todas, vocês me dão forças para continuar, para seguir em frente e resistir a esse sistema que nos adoce e nos mata.

Com vocês eu não termino em mim mesma!

Eu amo todos e a luta não acabou!

(Janu)

Como podem ver a ex-aluna foi uma vítima desse sistema que não sabe o que significa a palavra “acolher”, mesmo assim o sistema não a impediu de passar para História na UFRRJ.

Boa parte dos estudantes que apresentam problemas de convivência nas escolas procede de ambientes desestruturados. O sistema educacional não pode reforçar ainda mais esta situação. Muitos deles/las estão pedindo que alguém lhes estenda a mão.” (JARES, 2008, p. 131)

Os jovens estão por toda a parte, nos desafiando a decifrá-los. A juventude é um momento da vida do ser humano marcado por profundas mudanças e a transformação é a tônica. Todo jovem precisa descobrir seu lugar no mundo e eis uma tarefa difícil, prolongada e assustadora. É quando os conflitos ganham dimensões amplificadas e os problemas parecem intransponíveis. Todo esse contexto traz à escola o desafio à convivência. É chegada a hora da escola abrir-se ao aluno, estendendo-lhe a mão, pronta para o diálogo e o acolhimento.

As rodas de conversas, as batalhas de rimas e as poesias são atividade que além de trabalhar a identidade dos jovens, em fase permanente de alfabetização, também são reveladoras do quanto sabem e se orgulham de comunicar o sabido. Perdem o medo de se expor, de dizer o que sentem como sentem e porque sentem. É momento de denúncia, mas também de anúncio. Anuncio de novas probabilidades e perspectivas, de novas formas de ser e estar no mundo; de esperança. São atividades que ampliam a autoestima, coopera para a socialização e, acima de tudo rompe com o medo de ler em público, adquirido ainda nas primeiras séries.

É pela cultura, pela expressão da arte de cada um deles e pelo autoconhecimento que, jovens historicamente excluídos sobrevivem ao modelo frio de interdição a que são expostos pelas escolas que não os consideram em suas singularidades. Em situação de pesquisa ouvi:

- O jovem precisa se expressar!

Partindo de um jovem, faz todo sentido. Como tomarão esse mundo nas mãos sendo tolhidos, ameaçados e invisibilizados?

3- SOLIDARIEDADE E ÉTICA: CAMINHO E DESCAMINHOS

Ao se falar sobre trabalho voluntário façam ter sempre em mente a necessidade da realização de um trabalho que está por ser feito e do qual alguém precisa se ocupar. Não se trata de impedir que os governantes façam a sua parte ou de retirar trabalho espaço de trabalho de alguém. Trata-se antes de tudo de uma ajuda pedagógica humanitária perfeitamente capaz de se transformas em políticas publicas de inclusão e cidadania. Há trabalho para todos nesse campo. O que não pode e não deve acontecer é o fato que nos alerta o texto abaixo intitulado “Uma história de 4 pessoas”:

TODO O MUNDO, ALGUÉM, QUALQUER UM E NINGUÉM

Esta é uma história de quatro pessoas: TODO MUNDO, ALGUÉM, QUALQUER UM e NINGUÉM.

Havia um trabalho importante a ser feito e TODO MUNDO tinha certeza de que ALGUÉM o faria.

QUALQUER UM poderia tê-lo feito, mas NINGUÉM o fez.

ALGUÉM se zangou porque era um trabalho de TODO MUNDO.

TODO MUNDO pensou que QUALQUER UM poderia fazê-lo, mas NINGUÉM imaginou que TODO MUNDO deixasse de fazê-lo.

Ao final, TODO MUNDO culpou ALGUÉM quando NINGUÉM fez o que QUALQUER UM poderia ter feito.

Trabalhamos com o conceito de solidariedade social, e a entendemos como ação realizada, por uma pessoa ou grupo, na tentativa de diminuir ou eliminar situações adversas que alguém sofre. Nesse sentido sonhamos com uma sociedade solidária, capaz de ver em si a possibilidade de superação do sofrimento alheio e, de posse de tal compreensão empreender ações motivadoras capazes de contribuir com o triunfo daqueles que se encontram expostos a situações adversas. Nossas pesquisas em Pedagogia Social apontam tratar-se apenas de uma ajuda momentânea, a partir da qual o indivíduo ou grupo em situação de vulnerabilidade encontrará condições de prosseguir sem o auxílio de ninguém.

Há uma magia social em todo esse processo, através da qual, muitos que outrora foram ajudados, tornam-se fonte inspiradora e de ajuda para aqueles que hoje vulneráveis estão. Ao saberem que os ajudantes de hoje foram os ajudados do passado, ganham força para superação da fragilidade, por verem exemplos vivos em sua frente. E dizem de forma encorajada:

- Se ele conseguiu, porque não conseguirei?

Ou ainda:

- Se passou por tudo isso e está aqui de pé, também estarei em breve.

A ajuda humanitária aos desvalidos, aos caídos da nação é uma questão de justiça social, solidariedade e ética. Aponta para a construção de uma sociedade menos iludida com os fetiches do capital e mais comprometida com a transformação social. Trata-se de um sonho? Talvez, mas um sonho que já se realiza entre nós, a partir de práticas de Pedagogia social, inclusão e emancipação humana.

Com presente artigo - PEDAGOGIA SOCIAL E TRABALHO VOLUNTÁRIO: Uma questão de solidariedade, ética e resistência, esperamos ter contribuído o que cerne à Pedagogia Social sobre questões que são caras aos nossos estudos: acolhimento, afetividade, compreensão, dialogismo, esperança e a alegria são alguns fatores importantes para o sucesso de uma sociedade que celebre a vida e não a morte.

E para finalizar trazemos com uma poesia...

*Não nos enganemos...
Vivemos em tempos de cólera
Cólera entre os que aí estão...
Devido ao mecanicismo de nossos tempos
Não escutamos mais...
Não dialogamos mais com o outro
Ficando este vazio que impera nossos tempos
Nos enchendo de angústia...
Às vezes sem saber o que fazer e como fazer
Tomado por um sentimento de impotência
No desespero e na urgência de verdades
Ciente que a morte é a única certa
Tenta encurtar o sofrimento
Se exclui, se distancia, se reclusa...
Viver para quê?
Mas por uma provisoriedade esperançosa
Continua permanecendo neste mundo
Em encontrar outros que aí estão
Para assim tentar algo descobrir...
E finalmente o momento mágico dos Seres acontece!
No outro me vejo e nos aceito
E por amor a nós!
Nossas existências e nossos devires
Possuem agora um sentido...
Uma Responsabilidade...
E na dialógica dos Seres*

*As verdades são passadas entre eles e por eles perpetuadas
Na intenção de um mundo menos angustiante... Mais alegre...
E nessa perspectiva continuam
Agora com alegria e muita astúcia
Insistindo, persistindo e nunca desistindo
De nós e dos outros que aí estão...*

*Dialógica dos Seres
(Mônica Coelho - Professora Marginal)*

Alfabetização concêntrica é uma categoria cunhada a partir da pesquisa sobre o teor alfabetizados das *Rodas de Conversas* e das *Batalhas de Rimas*. Trata-se de um processo através do qual os envolvidos se alfabetizam ao alfabetizar. Uma alfabetização local e global, singular e plural a nos revelar o quando descobrimos sobre nós ao descobrir-nos no outro. E foi assim que a Professora Marginal se redescobriu poeta, voltou a escrever. Professora e alunos se descobriram capazes de e escrever outra história.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2017.
- _____. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.
- BOURDIEU, Pierre. **Esboço de uma Teoria da Prática**. In: Ortiz, Renato (org.). Sociologia. São Paulo: Ática, 1983.
- _____. & PASSERON, Jean Claude. **A Reprodução**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1970.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação como cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- _____. **O Educador: Vida e Morte**. São Paulo: Graal, 1985.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.
- _____. **A invenção do cotidiano 2. Morar, cozinhar**. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- _____. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Moraes, 1980.
- _____. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- _____. **Educação como Prática da Liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- _____. & FAUNDEZ, Antonio. **Por uma Pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Terra 1985.
- _____. & TORRES, Carlos Alberto. **Estado e Educação Popular na América Latina**. Campinas: Papirus, 1992.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Petrópolis: Editora Vozes, 1989.
- MARTINS ARAÚJO, Margareth. **Pedagogia Social: Diálogos com crianças trabalhadoras**. São Paulo: Editora Expressão e Arte, 2015.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. **Conhecimento prudente para uma vida decente**. São Paulo: Editora Cortez, 2012.

_____. & MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Editora Cortez, 2009.

SILVA, Roberto da & NETO, João Clemente de Souza & GRACIANI, Maria Stela Santos (Org.). **Pedagogia Social: A Pesquisa em Pedagogia Social**. São Paulo: Editora Expressão e Arte, 2018.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Editora Cortez, 1986.